



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## São Paulo e o “cosmopolitismo tropical”: uma análise preliminar do turismo sexual internacional em São Paulo.

Ana Paula da Silva

Pós- doutoranda do Departamento de Antropologia da USP

### 1- Introdução.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise etnográfica de algumas situações vivenciadas no campo para assim pensar como a busca de sexo comercializado no contexto de viagens de turismo internacional faz parte marcante da paisagem urbana sexual de São Paulo.

A cidade de São Paulo, diferentemente das cidades do Nordeste e o Rio de Janeiro, não tem sido entendida pelo o senso comum como região que permita a existência de uma cena voltada ao turismo sexual internacional. Em geral, quando pensa-se em turismo sexual no Brasil, imagina-se praias, mulatas, a vida tropical exótica e a pobreza (Blanchette & Silva, 2010; Piscitelli 2004). Simbolicamente, São Paulo parece contradizer essas imagens, sendo geralmente qualificada por brasileiros e estrangeiros como uma metrópole moderna, relativamente rica e – acima de tudo – não *exótica*, mas *ocidentalizada e europeizada*<sup>1</sup>.

No entanto, como apresentarei neste artigo, essa visão precisa ser problematizada. Embora a cidade de São Paulo é simbólica de tudo que é moderna no Brasil, por ser brasileira e também internacional, a cidade não escapa de ser exemplar de uma espécie de “cosmopolitismo tropical” – simbologia que, como veremos abaixo, é bastante explorada pela a indústria de turismo na cidade. Dentro deste contexto, então, não é de se surpreender que a *sexscape* de São Paulo não deixa de compartilhar semelhanças significantes com as de outras regiões do Brasil. Ao mesmo tempo, a configuração física da cidade (massa urbana amorfa e enorme, que carece de pontos turísticos legíveis para estrangeiros) e sua *vocação* como destino para o assim-chamado *turismo de*

---

<sup>1</sup> Os termos em itálicos representam ou expressões êmicas, utilizadas por meus entrevistados ou palavras de língua estrangeira.



*negócios* criam reflexos *sui generis* na configuração das interações entre sexo comercial e deslocamentos (inter)nacionais.

A noção de *sexscape* pode ser entendida aqui seguindo a terminologia de Arjun Appadurai (1990) e as propostas de Denise Brennan (2004). Meu uso do conceito, em geral, segue Brennan (2004), que entende a *sexscape* como um espaço particular dentro do fluxo global de transações sexuais e afetivas, marcadas por fortes desequilíbrios de poder. Neste sentido, o conceito pode ser entendido como a “paisagem do sexo” criado numa zona de contato, termo conceitualizado por Mary Louise Pratt (1999) na “tentativa de se invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por discontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam” (Pratt, 1999: 32)

Embora Pratt (1999) utilize o conceito de zona de contato para pensar situações coloniais mais radicais que as retratadas no presente trabalho, ele ainda é válido para tentar pensar as interações na metrópole de São Paulo pois, como a autora afirma, o conceito de “contato” busca enfatizar as dimensões interativas e improvisadas de encontros entre atores diferentemente situados em termos de poder e privilégio:

[...] Uma “perspectiva de contato” põe em relevo a questão de como os sujeitos são construídos nas e pelas relações uns com os outros. Trata as relações entre colonizados e colonizadores, ou visitantes e “visitados”, não em termos de separação ou segregação, mas em termos de presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, freqüentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder (Ibid, idem).

Também, porém, penso no termo *sexscape* de acordo com sua raiz conceitual estipulada por Appadurai: a *mediascape*. Neste entendimento, a *sexscape* é uma forma particular da *mediascape*, que referencia um conjunto de imagens voltadas para o sexo e o gênero que supostamente descreve a realidade das relações sexuais/afetivas numa determinada parcela da realidade. Como Appadurai salienta, as *mediascapes* – e por definição as *sexscapes* – tendem a ser mais “quiméricas, estéticas e fantásticas” na medida em que seu lócus de produção é afastado da realidade que tenciona descrever. A persistente associação do Brasil com tropicalismo, sexo e sensualidade na imaginação global é precisamente um artefato da *sexscape* neste sentido da palavra. É nesta dimensão do conceito que o artigo pretende seguir.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O presente artigo faz parte da minha pesquisa intitulada “*O que a brasileira tem? estudo sobre “cor” e sexualidade entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros*”, que está sendo desenvolvida na USP, no Departamento de Antropologia sob a supervisão da Profa. Dra. Laura Moutinho, com o objetivo de ampliar uma pesquisa desenvolvida na cidade do Rio de Janeiro em parceria com Prof. Dr. Thaddeus Gregory Blanchette. A pesquisa tem como objetivo principal investigar as múltiplas idéias sobre a mestiçagem sob a ótica dos estrangeiros que se engajam em relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres brasileiras. A intenção é o de analisar qual o papel na construção destes discursos (sobre a mestiçagem) nestes relacionamentos e como tais discursos produzem um imaginário importante na manutenção destes laços e que proporciona a noção para os atores sociais envolvidos da escolha pelo “par ideal” a partir da criação e manutenção dos discursos da mestiçagem.

## **2- A cidade de São Paulo e seu apelo turístico.**

Um dos objetivos desta pesquisa é o de mapear e analisar o turismo sexual na cidade de São Paulo e entender como tal mercado se diferencia ou não do mercado sexual carioca. Vale lembrar que Rio e São Paulo são os lugares mais citados por turistas sexuais anglofalantes auto-assumidos nos *sites* mais populares de internet dedicados às viagens internacionais em busca do sexo, superando em número o total de relatórios referente a todas as cidades do Nordeste. Neste sentido, minha intenção é pensar sobre as convergências e divergências entre as duas maiores cidades do país e como elas se apresentam para o mercado sexual internacional dentro do contexto *sexscape* mais generalizado do Brasil

Em geral, o apelo ao turismo sexual está mais relacionado ao Rio de Janeiro do que a São Paulo. Por ser entendida como possuidora de uma natureza exuberante, praias famosas e vida noturna agitada, Rio de Janeiro têm produzido, no mundo e no Brasil, uma imagem do paraíso tropical, particularmente nos aspectos de lazer e das relações sexuais/afetivas, segundo Farias (2003) e Blanchette & Silva (2005). Simplificando, na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*sexscape* global, Rio é visto como destino exótico, romântico e sexy e esse “mito” é amplamente repetido mundo afora, tanto por brasileiros quanto por estrangeiros<sup>2</sup>.

No caso de São Paulo, apesar de ser a maior metrópole do país, por contraste, geralmente é associada pelo senso comum ao papel de espaço do trabalho e dos negócios. A pesada industrialização do Estado de São Paulo ao longo do século XX conferiu ao imaginário a noção de uma cidade cinzenta, porém moderna, onde as pessoas correm para não perderem o primeiro apito da fábrica mais próxima. Num outro cenário, os estudos da sociologia clássica, conhecida como “Escola de Sociologia Paulista” produziram inúmeros trabalhos sobre o significado e o processo de industrialização na cidade de São Paulo e suas conseqüências na vida social paulistana. Tais estudos, de alguma forma, incrementaram o imaginário da cidade industrializada voltada para o mundo do trabalho.<sup>3</sup>

Nos últimos anos, porém, o apelo de São Paulo como destino turístico tem sido incentivado, dentro e fora das fronteiras nacionais, através de peças publicitárias que salientam o potencial turístico da cidade. Ao visitar o *site* da Secretaria Estadual de Turismo e Lazer do Estado de São Paulo<sup>4</sup>, nota-se o esforço em promover a cidade e o Estado para além das fronteiras dos negócios e do mundo do trabalho. No entanto, o carro-chefe de sua propaganda turística, o turismo de negócios, ainda é o grande chamariz para visitantes de toda a parte. Na propaganda oficial o argumento é:

[...] O Estado de São Paulo é o centro financeiro e de negócios do País. Nele se concentram os principais conglomerados de serviços e indústrias, de geração e oferta de empregos e de mão de obra qualificada. Continua sendo o grande pólo das principais oportunidades, segmentação de produtos e serviços e da expansão dos negócios.

Dentro deste contexto, ir a trabalho para São Paulo significa, para o setor turístico, uma possibilidade de transformar uma atividade que nem sempre é associada ao lazer em potencial diversão (e, conseqüentemente, aumentar a quantidade de dinheiro que o

---

<sup>2</sup> Nota que essa caracterização não é o único “mito” que se repete sobre o Rio. Também existem mitos referentes ao perigo urbano e a criminalidade que coexistem com os referidos acima. Para mais detalhes Ver: MISSE, Michel: Tradições do banditismo urbano no Rio: invenção ou acumulação social?. Semear (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 6, p. 197-232, 2002.

<sup>3</sup> Ver: BASTOS, Elide Rugai. Pensamento Social e escola sociológica paulista. In: MICELI, Sergio (org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-2002). São Paulo: Sumaré, 2002.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

turista deixa na cidade). A Secretaria de Turismo atenta as possibilidades para aumentar esse setor, salienta que o viajante de negócios ainda pode desfrutar das outras modalidades de vida oferecidas pela a cidade, entrando nas rotas de turismo histórico, litorâneo, de entretenimento, de aventura, cultural, de saúde, familiar, esportivo, de compras, gastronômico e ecológico. Em conjunto com essa ênfase na combinação de negócios com turismo – o assim chamado *turismo de negócios* – também é notável que a cidade de São Paulo parece ganhar cada vez mais destaque – tanto internacional quanto nacionalmente – como espaço que oferece múltiplas opções de lazer sexual.

No *International Sex Guide*<sup>5</sup>, site de internet dedicado ao turismo sexual, os relatos dos turistas sexuais assumidos – os assim chamados *mongers*<sup>6</sup> – focalizam cada vez mais na cidade de São Paulo e suas diversões. Nestas histórias, é possível perceber que uma grande quantidade destes homens chega à cidade na modalidade que a Secretaria de Turismo denomina *turismo de negócios*, pois são, geralmente, trabalhadores que vão à cidade para as reuniões de negócios e, em muitos casos, acabam sendo levados por brasileiros a desfrutarem das opções de lazer sugeridas pela a Secretaria de Turismo. Isto é o caso, por exemplo, desse homem de negócios americano, que utilizava um site de turismo sexual voltado a clientes brasileiros para pedir informações sobre a prostituição na cidade:

[...] Eu gostaria de encontrar neste site sugestões de casas. Fui para São Paulo e Bahia para negócios por um ano e meio e estou de volta a trabalho na cidade. De qualquer forma eu nunca fiz isso fora da Rua Augusta, lugar que fui logo quando Café Photo fechou.<sup>7</sup>

Este *post* demonstra a associação dos *mongers* com o *turismo de negócios*. Vários desses estrangeiros reportam ter conhecido a cidade e suas opções turísticas durante viagens de trabalho e retornaram a São Paulo por simpatizarem e gostarem das possibilidades oferecidas pela a cidade – particularmente em termos sexuais comerciais.

Todavia, na última década, podemos afirmar que tem tido um crescente interesse em São Paulo como destino exclusivamente turístico nos relatos e comentários feitos

---

<sup>4</sup> Ver: <http://www.nossoturismopaulista.com.br/>

<sup>5</sup> Para uma análise dos sites de internet freqüentados por “turistas sexuais” ler: PISCITELLI, Adriana; Viagem e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. In: Piscitelli, Adriana; Melo, Hildete; Maluf, Sônia; Puga, Vera. (Org.). Olhares Feministas. Brasília: ONU/MEC, 2007, v. 1, p. 15-30

<sup>6</sup> Esta é uma categoria êmica utilizada por estes homens para se auto definirem, que significa um cliente assíduo de prostitutas. A palavra original vem de “whoremonger”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

por *mongers* em sites como o ISG. Neste sentido, os estrangeiros estão aprendendo – e rapidamente – o que seus contrapartes brasileiros, os *putanheiros*<sup>8</sup>, já sabem faz décadas: que a metrópole paulistana oferece uma enorme quantidade de serviços sexuais variados. Maior, até que aquela oferecida por Rio de Janeiro, pelo menos na opinião desses homens.

Tal interesse ainda parece ser ignorado pelas autoridades paulistanas (pelo menos aquelas com quem conversei), que ainda explicam a presença estrangeira nas massagens, termas, boates e clubes de sexo da cidade em função das viagens de negócios e não por causa da existência de um mercado sexual paulista que, por si só, atrai turistas. É interessante notar, neste aspecto, que enquanto o “turista sexual”<sup>9</sup> tem sido transformado numa figura de ameaça e perigo nos discursos oficiais referentes a saúde e segurança sexual do povo brasileiro (veja-se, por exemplo Leal e Leal, 2002), o aproveitamento de viagens de negócios para a contratação de serviços sexuais continua a ser, em grande medida, visto como uma atividade normal pelas autoridades paulistas.

Ou seja, embora que é reconhecido que o *turista de negócios* rotineiramente vá a zona, isto é considerado, simbolicamente, como algo completamente distinto do *turismo sexual*. Todavia, é impossível ignorar o fato que, junto com a ampliação do potencial paulistano para receber e entreter turistas, inevitavelmente haverá um aumento, mesmo que pequeno, no número de viajantes que buscam a cidade principalmente em função de seus prazeres sexuais comerciais. Ironicamente, essa “cegueira” oficial para com o crescimento do turismo sexual na cidade vem acoplada, na última década, com políticas públicas que buscam *higienizar* a cidade através da repressão da prostituição.

A visão oficial da interação do sexo comercial e turismo foram exemplificados, para mim, numa noite quando eu caminhava pela Rua Augusta, uma zona moral de prostituição que tem sido fortemente impactada pelas novas leis de ordem pública. Na ocasião, acabei conversando com um policial que fazia a sua ronda. Perguntei a ele

---

<sup>7</sup> Relato de um homem estrangeiro, auto assumido *monger* encontrado no *site* GP Guia destinado a ser um guia de casas, boates e garotas de programa no Brasil. O endereço: <http://www.gpguia.net/>

<sup>8</sup> Categoria êmica utilizada pelos os homens brasileiros que são clientes assíduos de prostitutas. É a versão nacional dos *mongers*.

<sup>9</sup> Utilizo a expressão entre aspas porque argumento ser uma categoria carregada de valores morais que contaminam o entendimento e não é explicativo da situação complexa destes homens nas cenas do mercado do sexo. Para uma descrição mais completa, ver: BLANCHETTE, Thaddeus & SILVA, Ana Paula da: “A mistura clássica”: miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual. Natal/UFRN: Revista Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades, V. 4, N. 5, janeiro/junho 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

acerca da presença de vários homens estrangeiros que eu tinha encontrado nas boates da região. Eu queria saber se o guarda classificava esses como “turistas sexuais”, mas ele me avisou que os estrangeiros presentes na zona estavam na cidade a negócios e iam as boates e “puteiros” em função disto: “Não são turistas sexuais, não! Estão aqui a negócios. Acontece”.

De certa forma, o número de “turistas sexuais” que buscam São Paulo como destino cresce em função de mudanças de natureza estritamente estrutural, segundo os relatos e entrevistas realizadas ao longo da pesquisa (contudo, essas informações merecem ser mais bem investigadas e ainda são conclusões preliminares). Segundo tais relatos, a crescente integração da cidade com o Rio de Janeiro através da ponte aérea e a diminuição nos preços de passagens aéreas significa que, em muitos casos, é tão barato (ou caro) voar entre as duas cidades quanto transitá-las por taxi. Neste sentido e do ponto de vista de um turista estrangeiro no Rio, São Paulo literalmente “fica logo ali”: os bares, shows, museus, restaurantes – e “puteiros” – da metrópole paulistana são uma hora ou menos a distância e a um preço bastante acessível.

Todavia, para os *mongers*, o maior empecilho para uma viagem a São Paulo não são os meios de transporte e sim o que pode ser entendida como a falta de “legibilidade” da cidade, que é qualificada como “enorme”, “complicada” e “*hard to move about in*” (ou seja, de difícil circulação interna). Crucialmente, a cidade é entendida como “não tendo nada a oferecer além de sua vida noturna”. Todavia, os *mongers* que tem se aventurado em “praias” paulistanas geralmente gostam da cidade e muitos a compara favoravelmente com Rio como informa este relato de um homem de 44 anos, americano, *monger* assumido e que constantemente está entre Rio e São Paulo por conta de seu emprego (que diz genericamente ser ligado a negócios):

[...] Mesmo Rio sendo a cidade mais bonita do mundo, sempre me sinto oprimido lá, sendo encurralado entre as montanhas e o mar.... Esse é um defeito para mim, mas acho que é uma das razões que tantos *hobbyists*<sup>10</sup>/turistas gostam da cidade. Dá uma segurança saber que o campo de diversões de seu *hobby* é limitado dessa maneira. Copacabana é tipo uma “caixa de areia de *hobbying*”. É fácil praticar nosso *hobby* em Copacabana: todo mundo está no piloto automático lá. Um novato no *hobby* pode facilmente encontrar seu caminho. [...] Em São Paulo, quando você não conhece a cidade, você pode ter a

---

<sup>10</sup> Outra categoria usada entre turistas sexuais anglofalantes auto-assumidos para referenciar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mesma sensação de opressão, mas uma vez que você conhece os caminhos, a cidade é um enorme campo de diversões... Oferece possibilidades sem fim. Todavia, para ter essa liberdade, é preciso pagar um preço: você tem que estar preparado para se arriscar e estar pronto para viajar (tristeza!) longas distâncias entre seus *points* favoritos de diversão.

Nesse discurso, podemos ver muitos pontos característicos das classificações que os *mongers* empregam para descrever São Paulo em comparação com Rio de Janeiro. O tamanho da cidade chega a ser opressivo e é preciso viajar longas distâncias para ir entre os lugares de interesse. No Rio, por contraste, a paisagem urbana se resume a Copacabana, que tem tudo que o turista precisa ao alcance das mãos. Todavia, Rio é comparado com uma “caixa de areia” – um lugar limitado de diversão infantil – enquanto São Paulo, para quem a conhece, é a liberdade plena marcada pela diversidade.

Resumindo, então, uma hipótese que se pode explorar é que a baixa popularidade de São Paulo como destino de turismo sexual, relativa ao Rio, pelo menos parcialmente se explica por causa geografia urbana da cidade paulistana. O tamanho e complexidade de São Paulo dificultam a legibilidade e transitabilidade para o visitante ocasional e a grande questão é sempre “o que fazer durante o dia?” sendo que os atrativos da cidade são desconhecidos. Para o viajante estrangeiro, tem a complicação adicional de que muitas das qualidades da cidade são ilegíveis para quem não fala ou lê português.

Todavia, todos esses problemas têm sido sinalizados pelo Ministério de Turismo paulista e pela indústria turística em geral, que trabalham para abrir o mercado de lazer e turismo na cidade para o visitante ocasional. Tal empreendimento terá, quase inevitavelmente, o efeito de ampliar o mercado de turismo sexual na cidade também.

É este mercado um dos objetivos que a pesquisa está interessada em explorar para entender como São Paulo tem se tornado um mercado promissor do turismo sexual internacional, de tal maneira que movimenta trabalhadoras sexuais do Brasil inteiro (inclusive do Rio de Janeiro) para a cidade. A intenção é pensar como tal mercado se apresenta e quais os símbolos de brasilidades e especificidades da cidade de São Paulo que são incorporadas nestas imagens da cidade e interpretadas pelos os estrangeiros que a visitam.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Para fazer uma análise preliminar deste objetivo, passo a descrever minhas observações etnográficas, colhidas em duas incursões de campo. A primeira dessas foi uma visita a Rua Augusta e a uma de suas casas mais famosas, a *LV*, bastante conhecida por ser uma boate que só desce as portas em torno das dez da manhã. A boate só não funciona aos domingos, sendo aberta de segunda a sábado, independentemente de feriados e as festas de final de ano.

A segunda situação que descreverei gira em torno de visitas e hospedagens que tenho feito aos *hostels* da capital paulistana. O *hostel* é um tipo de hospedagem barata, reconhecida mundialmente por abrigar hóspedes denominados “mochileiros” que se caracterizam por serem jovens, estudantes ou aventureiros que partem pelos os quatro cantos do mundo para visitar lugares e fazer novas amizades. Passemos as descrições dos casos.

### 3- **Rua Augusta, Boate LV e as suas Mil e Uma Noites.**

Era uma noite quente, de quinta feira do fim da primavera, em que me aventurei mais uma vez na Rua Augusta. Desde que cheguei a São Paulo tenho perdido as contas das vezes que estive lá. Por várias razões, além do trabalho de campo. Desta vez fui acompanhada de uma amiga da USP que convidei para me acompanhar a boate LV. Lugar freqüentemente citado nos *posts* dos *mongers* e *putanheiros*, como a melhor opção da noite paulistana, mas também muitas vezes relatada como a pior opção. Nesta tipificação da casa, em geral eles a definem pelo o número de garotas de programa e as chamadas “civis” ou “mulheres normais”<sup>11</sup>. Não existe um meio termo quando eles (*mongers* e *putanheiros*) descrevem as atividades do local. Para os “turistas sexuais” que conhecem o Rio de Janeiro, a LV é freqüentemente comparada a famosa Discoteca Help, que era situada no bairro de Copacabana, zonal sul da cidade, mas que foi fechada e demolida no início do verão de 2010. Antes de mencionar a boate propriamente dita, passo a descrever um pouco o local onde se encontra: na região da baixa Rua Augusta.

Até pelo menos os finais dos anos 1990, a rua concentrava uma grande quantidade de boates de prostituição e era famosa em toda a cidade por ser *a Zona*, ou seja, uma

---

<sup>11</sup> Categorias êmicas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

área moral notável pela presença constante da prostituição (embora há de ser lembrado que o São Paulo tem e sempre teve várias *zonas*)<sup>12</sup>. Desde fins da década de 1990, porém, a Rua tem se tornado um *point* de encontro de jovens que se auto-rotulam de *alternativos*. Conseqüentemente, a área tem perdida sua especificação como *zona*, pelo menos parcialmente, e as antigas boates de prostituição se cedem para casas noturnas voltadas para o mercado *alternativo*.

Passsei nas portas das boates que ainda existem e que não foram tomadas por clubes, bares e shows alternativos. Algumas ainda resistem. Todavia, poucos clientes se aventuram a passear entre a massa das tribos de todo tipo que se espalham ao longo do trajeto. É possível também visualizar algumas meninas e travestis que fazem ponto na rua, no estilo *trottoir*. Estas estão mais afastadas da movimentação e tendem a se situar nos trechos menos iluminados da rua. Muitos *putanheiros* têm reclamado sistematicamente no *site* GPGuia desta *nova Augusta*, que se significa para eles “o fim da alegria”. Um dos relatos postados no GPGuia em 15/02/2010, conta:

[...] O que podemos acrescentar depois de quase um ano das últimas postagens é que a Rua Augusta se tornou definitivamente um lugar para baladas alternativas . Emos, Emas e várias outras tribos que nem sei dizer o nome se encontram todas as noites em bares recentemente abertos para abrigar esse público que nada tem haver com a putaria. Freqüente a região a vários anos e já entrei na maioria da boates, todas como já foi dito aqui, seguem um padrão *trash*, exceto O Big Ben Shows que segue uma linha de casa estilo requintada apesar de algumas garotas serem de nível *trash* . [Por contraste], lembro-me na década de 80 que as garotas que ficavam nas esquinas eram de nível espetacular, algumas universitárias que só saiam com quem passasse de carro.

Outro relato avisa que faz cinco anos que a Augusta está fechando as suas principais casas, sendo estas substituídas por casas que servem o novo público *alternativo*. Os *putanheiros* consideram estes jovens como *invasores* de um espaço considerado há alguns anos atrás como a propriedade simbólica dos consumidores do mercado do sexo.

---

<sup>12</sup> Para uma leitura histórica das *zonas* paulistanas ler: Rago, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A autora Isadora Lins França (2007), em seu artigo “Sobre guetos e rótulos: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”, descreve como o público da Rua Augusta foi se modificando em anos recentes. Segundo França, a presença das “tribos” mencionadas pelo *post* do GPGuia é explicada pela possibilidade dessas fazerem parte de uma ambiente da rua que reforça sua identidade de *moderna* e, com isto, legitimar seu *status* de *alternativo* aos padrões de consumo instituídos como normativos. Nas palavras de França:

[...] Boa parte deste público costuma se espalhar pelos bares e “sinucas” das esquinas da Rua Augusta e apreciar a atmosfera “decadente” da região, tomada por prostitutas, pedintes e “botecos sujos”, recorrendo a uma espécie de ressignificação do lixo, transformado em luxo, como atesta a recente moda de realização de festas em antigos bordéis da região. (pag. 241)

Ao mesmo tempo em que o consumo desta *nova Rua Augusta* reforça a identidade dos grupos descritos por França (2007), por outro lado, desqualifica a região para aqueles que eram os consumidores e trabalhadores do mercado do sexo. Ao tomar a Rua Augusta como um marcador identitário da modernidade *alternativa*, os “emos e emas” involuntariamente expulsam e remodelam o espaço inclusive legitimando os discursos institucionais de “limpeza e ordenamento” do local.

Outro ponto referente aos “novos” e “velhos” consumidores da Rua Augusta é revelado pela data mencionada pelo *putanheiro* do GPGuia, pois tal *post* foi publicado em 2009. Cinco anos antes, em 2004, o então prefeito José Serra começou a implantar uma série de medidas “higienizadoras” da vida social e comercial da cidade. Programou um plano de urbanização que visava a desapropriação de prédios tomados por ocupações, a retirada dos moradores de ruas e o combate aos pontos de drogas. Tais políticas atingiram o Centro da cidade, região em que ficava a antiga *Augusta da alegria* dos putanheiros: a rua foi alvo de várias fiscalizações dos órgãos competentes da Prefeitura.

Numa outra visita que fiz a Rua Augusta, conversei com alguns seguranças de um antigo bordel que foi fechado neste período e reabriu em 2009 como casa de *blues* e *jazz* contemporâneo, mas que para manter o espírito de sexo comercializado do antigo estabelecimento, em sua sala principal, a casa mantinha um telão que projetava filmes pornográficos dos anos 30, 40 e 50. Os seguranças da casa me informaram que a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*repressão*, segundo suas palavras, começou no período Serra e se intensificou com a entrada de Gilberto Kassab na prefeitura em 2006:

[...] A maioria das casas já estava sofrendo com as fiscalizações. Aí, veio o Kassab e a maioria fechou as portas. Depois de um tempo algumas reabriram, mas muitas não conseguiram se reerguer. Aqui, a única coisa que restou foi esta parte de cima. [Ele apontava, então, para um lugar acima da boate (parecia um motelzinho) em que algumas garotas de programa entravam e saíam acompanhadas de homens.]

O período que o segurança se referia foi a política implantada pelo Prefeito Gilberto Kassab, intitulada “Projeto Cidade Limpa” e que consistiu, em linhas gerais, na proibição da utilização da mídia externa no município (*outdoors*, painéis eletrônicos, distribuição de panfletos e regulamentação de fachadas comerciais) a partir de janeiro de 2007. Um dos motivos alegados pela Prefeitura para a restrição quase total da publicidade era o grande número de anúncios publicitários ilegais e a inaptidão do serviço público em identificá-los, em função da legislação em vigor anteriormente, muito confusa e contraditória segundo técnicos especialistas. A estimativa da Prefeitura é de que 70% de todas as placas publicitárias na cidade continham ilegalidades<sup>13</sup>. Dentro deste contexto, as boates e casas de shows foram fechadas por conta das altas multas e taxas que precisavam ser pagas para manter seus letreiros e regularizarem a situação frente à Prefeitura.

Para alguns especialistas em assuntos urbanos, como Mariana Fix da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e outros autores, as ações da prefeitura de São Paulo “são parte de um processo de gentrificação e de higienismo social da região, ou seja, os moradores de baixa renda teriam o seu direito à cidade negada e estariam submetidos ao processo de expulsão do centro e de segregação”<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Para maiores detalhes e acesso a Lei Cidade Limpa ver o *site* oficial:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei\\_Cidade\\_Limpa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Cidade_Limpa).

<sup>14</sup> <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid02.htm>, 10/03/2002. Outras referências pesquisadas sobre o tema: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: USP/ FAPESP, 2000. Mattos, Sérgio. Centro de São Paulo: revitalização, especulação ou higienização? Brasília: Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN, 4 de outubro de 2005. TASCHNER, S.P. e BÓGUS, L.M. – *São Paulo como Pathwork: unindo fragmentos de uma cidade segregada*, in BÓGUS, L.M. e Ribeiro, L.C. – *Cadernos Metrópole*, nº 1. São Paulo: EDUC, 1999, pp. 43–98



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

É esta, então, a região moral em que se situa a boate LV, local em que eu e minha amiga passaríamos boa parte da madrugada daquela quinta feira.

### ***A Boate LV***

Logo quando chegamos na boate LV, deparamos com o letreiro da casa e algumas pessoas na porta. Chegamos e perguntamos quanto custava a entrada. O segurança prontamente nos respondeu: “60 reais, 30 para cada”. Minha amiga foi logo avisando que estávamos ali para uma pesquisa da faculdade, pois éramos antropólogas, estudávamos turismo sexual e, se ele quisesse, poderíamos mostrar nossas respectivas carteirinhas da USP. O segurança nos avisou que só o gerente poderia resolver nosso caso. Entrou e trouxe um homem mais velho que perguntou, em tom de surpresa: “você são estudantes?!”. Minha amiga respondeu: “Não. Pesquisadoras”. Neste momento, o gerente nos observou de cima em baixo, deu uma olhada nas nossas bolsas e respondeu: “Podem entrar sem pagar. Mas só hoje. Da próxima vez terão que pagar o ingresso”. É notável, neste contexto, o fato dos *putanheiros* descreverem a LV como um lugar onde “quase ninguém paga o preço tabelado” para entrar: o que é preciso é negociar com o porteiro.

Entramos e logo deparamos com um espaço onde as mulheres obrigatoriamente têm que deixar suas bolsas. O espaço parecia muito com o *hall* de entrada da boate Help no Rio, onde tal política também era a norma para evitar a entrada de drogas e armas na casa, segundo o gerente da antiga boate. Em vez de sermos tatuados com o número no braço, porém, como foi o hábito da Help, recebemos uma corrente de elástico com uma medalha indicando a numeração das nossas bolsas.

A casa tem dois andares, mas é pequena se comparada com a Help: talvez uns 250 metros quadrados. Tem pista de dança, “queijos” espalhados e palquinhos para os shows de *strip tease* que acontecem em algumas noites. Quando não tem show, as mulheres que freqüentam a casa utilizam estes espaços para dançarem para os homens. Os homens também dançam nestes espaços, porém. Aliás, quando estávamos lá, a maioria das pessoas na pista eram homens dançando e exibindo seus músculos. No segundo andar, existe uma cabine para os DJ's, novamente bem parecida com a da Help. Assim como a famosa casa do Rio, a LV tem 20 anos de existência e pegou



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

aquela moda das danceterias dos anos 1980. Entrar na casa é como se estivesse entrando num túnel do tempo para a década de 80.

Conversando com os *barmans*, eles me disseram que a casa dá três bebidas gratuitas às mulheres, desde que não estejam acompanhadas. Indaguei como eles sabiam distinguir as acompanhadas das desacompanhadas. Um deles me respondeu:

[...] Bom, a gente conhece a maioria das mulheres que freqüentam a casa. São sempre as mesmas. Temos que ficar de olho nas estranhas. Mesmo quando temos dúvidas jogamos um verde e elas caem. Digo: “Você tá acompanhada, só pode beber água”. Elas sempre acabam confessando que estão.

Os preços do bar são absurdos. Uma garrafa de cerveja custa 15,00 reais (sendo que o preço nos bares lá fora na Rua Augusta era de 4,50). Indaguei o porquê os preços eram tão fora dos parâmetros normais, mas o *barman* não quis comentar.

A maioria das mulheres chega sozinha. Vestem-se em roupas extremamente provocantes, perfume característico das garotas de programa da região. Muitas usam salto alto de acrílico e maquiagem pesada. O consenso universal entre eu, minha amiga, os *barmans* e alguns seguranças com quem conversei era que o grosso das mulheres que freqüentam a casa, são de fato, garotas de programa. No entanto, quando se analisa os relatos nos *sites* dos clientes da prostituição, os *putanheiros* e *mongers* afirmam que há uma grande circulação de mulheres *civis* na casa. Me deparei com esta questão quando um rapaz, chamado Diego, se aproximou de mim para puxar uma conversa. Aproveitando seu interesse resolvi, em meio ao barulho ensurdecedor da música que tocava na pista, fazer uma entrevista.

Diego tem 25 anos e é gesseiro, oriundo do interior do Estado de São Paulo. Segundo ele:

[...] Mulher quer aventura inclusive GP [garotas de programa]. Mas acho que as mulheres que estão aqui não são GP's. Elas querem encontrar homens que dêem carinho, esperança e tragam harmonia. Já saí com GP's, mas não gosto, pois eu tenho direito a tudo porque estou pagando, mas ao mesmo tempo não tenho direito a nada, pois afeto, carinho e amizade não tenho. Por isto venho aqui tem garotas que querem aventura, mas tem aquelas que querem amor. Desejo encontrar um grande amor aqui hoje.

O relato de Diego é bastante comum nos *sites* como ISG e GPGuia. De acordo com muitos destes homens, uma *garota de programa* é aquela que cobra para sair com eles.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Se ela não cobra, ou deixa esta negociação flexível, cobrando um preço fixo para o programa, mas ficando com o cliente depois da hora combinada sem cobranças adicionais, a linha entre *garota de programa* e mulheres *normais* ou *civis* fica bastante nebulosa.

Este tipo de comportamento tem sido rotulado de *girlfriend experience* pelos *mongers* estrangeiros – literalmente a “experiência de namorada” – que significa um encontro sexual comercial que propositalmente apaga a linha entre namoro e prostituição. Inclusive, encontra-se *posts* nos sites virtuais que descrevem como estes encontros acabam se transformando em amor e até casamento. Diego, ao expor as razões que o fizeram pagar 30 reais a entrada e consumir cerveja a 15 reais, explicita esta situação.

Minha amiga por ser uma mulher negra, de cabelos estilo *dreadlock*, chamou a atenção de homens e mulheres, atraindo vários tipos: uma mulher mais velha, um gringo e alguns homens jovens. Todos a paqueraram. Reparei que o gringo em questão só olhava e seguia as mulheres visivelmente mais “escuras”, tentando puxar assunto, dançar ou oferecia bebida para a garota. Não estava interessado nas mais “claras” e estava sozinho na LV.

Conseguí conversar rapidamente com uma GP que disse não ter muitos gringos ali, mas que afirmou que a época alta da presença estrangeira é a semana da Formula 1. Disse também que os gringos ficam malucos com as mulheres brasileiras. Perguntei se faziam diferenciação entre paulistanas e a de outros Estados. Ela respondeu que não: “Para eles, é tudo brasileira”. Aí, começou a rebolar e a dançar ao mesmo tempo em que dizia para mim: “ah, você sabe nós somos diferentes, eles adoram!!!”. Pegou sua bebida e partiu rapidamente para a pista de dança. Este argumento de que os gringos não fazem distinção foi repetido pelos os *barmans* da LV e também pelo o taxista que nos levou de volta para a casa.

Ao sairmos da boate seguimos num táxi que o motorista foi bastante solícito em contar um pouco da cena da LV. Luis é taxista e faz ponto na LV há 19 anos. Ele passou calado boa parte do tempo em que eu e minha amiga conversávamos sobre nossas impressões, escutando nosso papo. Depois que deixei a minha amiga na CRUSP e pedi a Luis para me deixar em casa, ele começou a falar sobre o assunto que estávamos



conversando. Disse-me que os gringos vão ao CP<sup>15</sup> e a boate B e descreveu a CP como lugar com um estilo parecido a LV, só que mais sofisticado e muito caro; Ele afirmava que as meninas, em geral, são funcionárias da casa. A casa faz processo de seleção com análise de fotos e entrevistas<sup>16</sup>. Então me avisava:

[...] Não é qualquer mulher que trabalha lá não. Tem seleção. [Se eu quiser entrar lá, me deixam? perguntei.] Deixam, respondeu. [...] Você vai ter que pagar o preço de todo mundo: 200 reais. Não é igual a LV, que deixa qualquer uma entrar de graça. As meninas lá ficam mais chateadas na semana da F1 porque vai um monte de mulher que não trabalha lá, paga a entrada, mas é garota de programa. Muitas delas dizem: “Pô trabalho aqui direto, pra quando chega no bem-bom vem todas estas de fora”. [...] Porque lá é assim, pagou, entrou. A casa não quer saber. Nesta época do ano [F1] vem muita menina de outros Estados. Aliás, tem muita carioca que vem pra cá trabalhar. [E onde elas ficam? Perguntei]. [...] Em todo o lugar, [Luis respondeu]. [...] Não tem preferência. E continuou: [...] Os gringos ficam loucos com as brasileiras. Para eles todas as mulheres são brasileiras. A mulher brasileira sabe tratar bem e eles vêm em busca dessa fantasia.

Esta conversa é bastante interessante em vários aspectos, pois coincide com os relatos dos *mongers* sobre o trânsito das mulheres entre Rio e São Paulo. Muitos afirmam (*mongers*) que encontram cariocas em São Paulo e, *paulistas*<sup>17</sup> no Rio. Muitas meninas que trabalham em Copacabana afirmam que as mulheres de São Paulo trabalham naquele espaço, principalmente na alta temporada carioca.

Luis também me deu uma revistinha turística: a *Magazine*. Essa tem tiragem de 37.000 exemplares por mês, é distribuída em hotéis, restaurantes e bares e concentra em suas últimas páginas uma seção de anúncios chamada de “Privé-caderno”, destinada ao público adulto. Nestas páginas, é possível encontrar anúncios variados de

---

<sup>15</sup> A boate CP é considerada uma das mais caras e sofisticadas no circuito do mercado do sexo paulistano e entre os brasileiros é entendida como não acessível à situação econômica nacional. Sendo então classificada como um espaço freqüentado quase que exclusivamente por homens estrangeiros. Segundo um dos *putanheiros*, a presença de brasileiros só acontece por razões extremas, como a que ele descreve: [...] a) teu pai é milionário e você não está nem aí para o custo de qualquer coisa; b) você ganhou na loteria e resolveu estourar a boca do balão; c) você precisa fechar um contrato de vulto e tem que agradar ao gringo que vai decidir a parada; d) você levou um pé na bunda da namorada/patroa e está precisando levantar sua auto-estima, não importa a que preço; e) você recebeu o seu bônus anual e está cheio de dinheiro; f) você é solteiro e descobriu que tem um câncer maligno, que vai te fulminar em poucos meses e resolve gastar por conta no cartão de crédito e cheque especial. (GPGuia, 23/09/2003). Ainda a boate CP foi fechada durante a política da Cidade Limpa, mas reabriu recentemente em um novo endereço ainda mais sofisticada que a versão anterior.

<sup>16</sup> Não consegui ainda saber se é verídico. Isto também é dito pelos *putanheiros*. Eles afirmam que as meninas que trabalham na boate CP são contratadas pela a casa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

acompanhantes de todas as cores e idades que dizem falar espanhol, inglês e japonês, além de casas de shows eróticos e boates. Quando resolvi comparar as casas publicadas na *Magazine* com as que são mais reportadas no *site* dos *mongers*, descobri que a maioria dos lugares citados e comentados no *site* são também publicadas na revista do taxista. Segundo Luis, todo o mundo que trabalha com taxi tem a *Magazine*, pois segundo ele, “a cidade é difícil” e a publicação serve como guia na hora de indicar lugares para os “gringos”. Este papo de Luis revela uma similaridade com os discursos dos *mongers* que sempre recorrem a idéia de que São Paulo é um espaço complicado de se navegar.

#### 4- Os *Hostels* e o marketing da brasilidade.



Esta imagem faz parte da propaganda de um dos *hostels* em que me hospedei. Conversei com uma das proprietárias e ela me disse que a idéia de fazer um lugar que reproduzisse o cotidiano indígena, foi em função de ter antepassados “índios” e também para lembrar aos estrangeiros que estes “foram os primeiros habitantes de São Paulo esquecidos da memória popular”, segundo suas palavras.

A segunda incursão ao campo que fiz foi nos *hostels* paulistanos para entender melhor quais os símbolos de brasilidade que estão expostos nestes lugares e entrevistar gringos sobre suas expectativas acerca de São Paulo. Conheci este tipo de moradia no Rio de Janeiro, pois tenho uma amiga que é dona de um desses e já tinha conhecimento que os *hostels* na cidade carioca são lugares em que as performances de brasilidades são constantemente salientadas e reforçadas. Estes espaços freqüentemente oferecem, por exemplo, curso de capoeira, favela *tour*, aula de caipirinha, aula de samba, além de informar sobre a programação mais alternativa e intelectual da cidade. Por esta razão decidi investigar se no caso de São Paulo estas mesmas visões do Brasil são divulgadas.

---

<sup>17</sup> Vale lembrar que os homens estrangeiros referem-se aos moradores de São Paulo como *paulistas* independentemente de ser residente do Estado ou capital. O mesmo acontece com o Rio de Janeiro: *carioca* é quem está na capital não importando onde reside (interior ou capital).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O *hostel*, segundo a Associação Brasileira de Albergues<sup>18</sup>, é um meio de hospedagem alternativo, diferenciado por ser econômico, com quartos coletivos (alguns *hostels* também oferecem quarto para casal e/ou família), possuem sala de TV e cozinha comunitária e áreas de lazer. Os quartos também são equipados com beliches e armários individuais. Os albergues brasileiros são credenciados a rede *Hostelling International*, que é a detentora da marca mundial dos *Hostels* e responsável pela garantia do padrão internacional. Os Albergues são encontrados em mais de 4.000 cidades turísticas do Brasil e do exterior e sua principal filosofia é proporcionar o intercâmbio cultural entre pessoas do mundo inteiro. O ambiente é entendido como mais descontraído do que os hotéis e visto como ideal para fazer novas amizades.

As regras variam dependendo do lugar, mas em geral, roupa de cama deve levar sua própria ou alugá-la no *hostel*. Em alguns casos ela já está inclusa no valor da diária. A maioria oferece cozinha comunitária onde se pode economizar fazendo suas próprias refeições. Os banheiros são coletivos separados por sexo, próximos ou dentro dos quartos. Ainda possuem lavanderia, e uma sala de convivência com TV e outras áreas de lazer, variando de região para região.

Minha pesquisa sobre os *hostels* começou pela internet e, posteriormente, decidi que deveria me hospedar neles. Até o momento, fiquei alojada em dois e visitei um terceiro. No entanto, ainda não consegui fazer um levantamento do número deste tipo de hospedagem existente na cidade. A associação não tem este número disponível em seu *site* e embora tenha entrado em contato com os responsáveis da associação, até o presente momento não obtive resposta.

Segundo os funcionários que trabalham nos *hostels* em que fiquei e visitei, na cidade de São Paulo existem bem menos deste tipo de hospedagem que no Rio de Janeiro. De acordo com os seus relatos, os *hostels*, há cerca de três anos foi fundada os primeiros na cidade e de lá para cá, o número tem aumentado consideravelmente. Tais dados carecem ainda de mais pesquisa e precisam ser mais bem investigados e esclarecidos. Os dois no que me hospedei foram o VRH, situado na Vila Madalena, e o SH, no Sumaré. Também visitei o OH, situado na Vila Mariana.

---

<sup>18</sup> <http://www.albergues.com.br/>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As habitações consistem em casarões antigos que são reformados para abrigar os *hostels* e são decorados com motivos brasileiros, não apenas dispostos, mas em geral trabalhados artisticamente. Num deles, o símbolo que está em toda a parte é o Saci Pererê e a imagem representada é de um efeito de giz reproduzindo a cabeça e o seu cachimbo. Em todos os *hostels* que eu visitei, logo na entrada tinha o balcão de recepção e um computador de acesso gratuito com internet para os hóspedes. Além disto, todos tinham uma mesinha em que dispunha os folders que informavam os eventos que estavam ocorrendo na cidade, como exposições, mostras de cinema e arte, teatro, shows e as casas mais “descoladas”. Todos também tinham um quadro de avisos em que estavam escritas as principais atrações do dia em inglês e português.

A temporada em que fiquei nos *hostels* é considerada por seus funcionários como a baixa do ano e, segundo eles, um grande número de brasileiros tem se hospedado nestes espaços, além dos sempre-presentes estrangeiros. Segundo os recepcionistas, o movimento e sua composição dependem do que está acontecendo na cidade. Se tiver show internacional ou congresso de estudantes, os *hostels* ficam cheios de brasileiros. Vi gente de todas as idades e não apenas jovens mochileiros, as pessoas que geralmente caracterizam o lugar. Cheguei a conversar com algumas dessas pessoas. Um homem, originalmente do Canadá, tinha ido para conhecer a cidade e estava gostando muito dela. Disse que além de conhecer os espaços de arte, queria também conhecer garotas brasileiras, que segundo ele, devem ser fantásticas. É interessante notar que, nenhum dos *hostels* que visitei tinha a Revista *Magazine* que recebi do taxista Luis. Todavia, este fato não necessariamente impede que seus hóspedes procurem o mercado de sexo da cidade em busca de garotas brasileiras fantásticas, como mencionou o canadense.

O que me chamou a atenção no VRH, uma das hospedagens em que fiquei, é que apesar de não lançar mão de símbolos explícitos da brasilidade, como os outros, seu *site* impressiona pelo cuidado artístico e a música de fundo que acompanha a navegação ser uma composição de Raphael Rabello ao violão. Aliás, este é o diferencial do VRH: o ambiente é decorado com peças de arte. Alguma coisa lembra o Brasil, mas não tanto quanto os *hostels* que tem o Saci e o índio como símbolos em quase todos os lugares de convivência. Na entrada, nos corredores e na cozinha do VRH, a música tocada é o jazz,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

samba e choro e nos fundos além destas modalidades toca outros estilos como rock, dance em releituras mais “jazzgísticas”.

Conversei com Manoel, o recepcionista do VRH, que contou que os funcionários recebem treinamento com relação às músicas que podem ser tocadas nestes espaços. Esta foi uma das razões que ele, com 24 anos, estudante do curso de história da USP, músico profissional, falante de um inglês perfeito, quase sem sotaque, se encantou com a possibilidade de trabalhar como recepcionista neste *hostel*. Para ele, segundo suas palavras: “musica ruim não rola. Pelo menos aqui tenho a possibilidade de trabalhar ouvindo as musicas que eu gosto.” Indaguei porque samba, choro e jazz. Segundo Manoel, o dono fez esta escolha porque estes estilos têm a mesma raiz. São músicas populares que, dependendo de como se toca, podem ser muito sofisticadas. Manoel estava correto, pois não é qualquer samba e choro que toca por lá. A seleção vai de Paulo Moura, Rapahael Rabello, Yamandu Costa, Altamiro Carrilho, o grupo de choro Gato Negro e cantores de samba como Paulinho da Viola e Cartola. Dos mais novos, somente aqueles que fazem interpretações mais *jazzgísticas* do samba e do choro. Segundo Manoel, “a razão destas escolhas é porque os gringos têm a oportunidade de conhecerem e aprenderem que nossa música é sofisticada e moderna”.

Para Manoel, existem dois tipos de turistas que vão a São Paulo. O primeiro é aquele que está apenas de passagem e vai passar férias em outro lugar do Brasil e fica um ou dois dias e vai embora, e, aquele que vem exclusivamente para conhecer a cidade. Perguntei qual a porcentagem dos dois tipos e ele me respondeu que não tem um que prevaleça. Mas ressaltam que tem percebido uma procura maior dos que querem conhecer a cidade de verdade, segundo suas palavras. Para estes últimos, o dono faz questão de ir conversar com os hóspedes quando o *hostel* está cheio dos “turistas de verdade” (i.e estrangeiros). Nestas ocasiões, ele leva o mapa da cidade de São Paulo nas mãos, segundo Manoel, para “enlouquecer os gringos mostrando a eles toda a mistura e diversidade de São Paulo”. De acordo com Manoel, o dono “vai mostrando a diversidade, a mistura, o tanto de coisas diferentes que existe na cidade, eles (os gringos) ficam loucos.” E completa:

[...] Para mim (e acho que para os gringos, pelo o que converso com eles), não existe uma cidade no mundo igual a esta. Aqui você não tem a natureza e a sensualidade do Rio de Janeiro, por exemplo, mas aqui se encontra uma mistura de culturas, povos, estilos [...] a miscigenação das cores e tudo isto perdido na selva de pedra. Não existe um lugar no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mundo como São Paulo: é uma especificidade que só o Brasil poderia produzir. Isto é o Brasil.

Manoel parece concordar que as performances de brasilidades são importantes para este tipo de turista que geralmente se considera diferente em relação ao *monger* e que viaja no intuito de entender um mundo diferente, como bem informou Thaddeus Blanchette (2001) em sua dissertação de mestrado intitulada “Gringos” e que, não raramente, acredita (o estrangeiro) que está se engajando com o Brasil *de verdade, autêntico* e não apenas o *turístico*. Portanto, tais performances sobre São Paulo e o que ela tem de brasileira são importantes para estes *hostels*, pois informam que esta cidade, como Manoel frisou, não tem a natureza e nem sensualidade de outros lugares, como, por exemplo, o Rio de Janeiro, e nem a autenticidade das cidades nordestinas, mas que por outro lado, pode a partir de outra natureza, a da Selva de Pedra, informar que São Paulo é cosmopolita, moderna, mas que só o Brasil tem a capacidade de produzi-la.

## 5 - Considerações Finais.

Ao analisar estes casos de campo, é possível fazer uma aproximação preliminar de alguns discursos referentes ao turismo sexual em São Paulo.

O primeiro destes é o discurso oficial que, através da Secretaria Estadual do Turismo, informa e pedagogiza quais são as modalidades de turismos possíveis na cidade de São Paulo. Além de catalogá-las, argumenta como e quando tais turismos podem ocorrer. As categorias nomeadas pela a Secretaria como *turismo de negócios, aventura, cultural, litorâneo, de saúde, familiar, esportivo, de compras, gastronômico e ecológico* (e que são apresentadas nesta ordem) indicam as possibilidades “oficiais” da cidade. Outros turismos são ignorados e até apresentados como impossíveis. Não é por acaso as políticas de re-ordenamento urbano sejam tão importantes neste sentido. Tudo o que não se apresenta como adequado dentro destas categorias deve ser removido ou afastado do projeto de uma grande metrópole que pretende se apresentar internacionalmente como cosmopolita, moderna e asséptica. As chamadas “mazelas sociais”, ou do “terceiro mundo” devem ser reconstruídas dentro de um projeto urbano que as apresente como renovadas ou em vias de melhoramento. Exemplos disto podem ser encontrados nas tentativas de revitalização do Centro antigo ou nos vários projetos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de inserção de elementos mais pobres e “coloridos” da população nos círculos de “turismo social”.

No entanto, as políticas do Governo de São Paulo não são exclusividade da cidade. São medidas que vem sendo globalizados desde os anos 1960, particularmente na Inglaterra e nos EUA. Esse assim-chamado *gentrification*, ou gentrificação, que em linhas gerais é a ocupação de lugares entendidos como decadentes pela a parcela mais abastada da sociedade foi um conceito cunhado pela a socióloga inglesa Ruth Glass (1964) em seu livro *London: Aspects of Change*, para descrever a tomada dos espaços mais pobres pela a classe média inglesa.

Dentro deste contexto, as chamadas áreas urbanas decadentes concentram, em geral, as funções ou pequenos negócios que a sociedade entende como degradantes e que devem ser removidos: como, por exemplo, a prostituição.

É interessante notar, neste contexto, como se capitaliza a polissemia do conceito “turismo sexual” para literalmente mover mundos e fundos em função da gentrificação, particularmente em conjunção com as preparações para a Copa do Mundo de 2014, do qual o São Paulo será uma das sedes. Temos notado em outro trabalho (Da Silva e Blanchette, 2005) a multiplicidade de definições circundando o conceito de “turismo sexual” no Brasil. Falando brevemente, o fenômeno é internacional e teoricamente entendido (pela Organização Internacional de Turismo, entre outras agências multilaterais) como viagens cujo fim principal é a busca de contatos sexuais e comerciais com parceiros nativos. No Brasil, no nível popular, é um termo acusatório que pode ser aplicado para descrever as atividades de qualquer gringo sexualmente ativo. A mídia e as instituições governamentais brasileiras, porém, junto com crescente parcela das ONGs, sustentam que o turismo sexual é sinônimo de abuso sexual de crianças e adolescentes e utiliza essa definição para lançar projetos de intervenção que buscam “higienizar” determinados ambientes urbanos, removendo prostitutas e seus clientes.

Sob essa ótica, então, o “turismo sexual” é entendido como mazela que deve ser “limpa” da cidade, junto com a prostituição em geral. No entanto, são somente alguns pontos de prostituição que estão sendo mirados pelo Estado, principalmente àqueles que se estabelecem em lugares decadentes, públicos, ou que se abrigam em *venues* que são considerados “irregulares” pela a cidade de São Paulo. Enquanto esses fecham pela a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

cidade, temporária- ou permanentemente, outros pontos abrem e as garotas de programa migram para a internet e para as agências de *call-girl*, criando uma *sexscape* paulistana cada vez mais complicada e um tanto oculta (processo semelhante é reportado por Elizabeth Bernstein na cidade de São Francisco nos EUA - 2007). Todavia, essa nova paisagem complexa e móvel de sexo comercial é fielmente retratada e mapeada por publicações como a *Revista Magazine* que, com 37.000 tiragens ao mês, é distribuída por hotéis, restaurantes e companhias de turismo por todo o Brasil e que é amplamente utilizada pelos os taxistas de São Paulo.

Ou seja, enquanto a cidade e estado de São Paulo se desbravam contra o turismo sexual na mídia e promovem a “higienização” da cidade e a remoção da prostituição de certas áreas através de tais artefatos como o Projeto Cidade Limpa, o efeito dessas medidas em termos de seu impacto na legibilidade da paisagem do sexo da cidade aos olhos dos estrangeiros é quase nulo, dado as práticas concretas do chamado *turismo de negócios* promovido pela a própria Secretaria Estadual de Turismo.

O segundo discurso está relacionado aos *hostels* e o marketing da brasilidade que tem o objetivo de apresentar aos “turistas de verdade” (*estrangeiros*) como uma cidade entendida como a “Selva de Pedra” pode se descortinar como um Brasil autêntico. A idéia é oferecer aos olhares estrangeiros uma visão cosmopolita e moderna de São Paulo, mas sem deixar de apresentar sinais de certa tropicalidade característica do Brasil<sup>19</sup>. Estes espaços propagandeiam como qualidade *sui generis* de São Paulo ter um “cosmopolitismo tropical” que comunga com todas as características urbanas das grandes capitais do mundo, mas que também exhibe características desta brasilidade como o samba, a ginga, a mistura, miscigenação, os índios e os sacis pererês que estão perdidos na Selva de Pedra a espera de serem descobertos pelo os que vem de fora.

Mas o que poderia informar uma visão dicotômica em que seria possível por de um lado o cosmopolitismo e a modernidade da metrópole e de outro os símbolos desta brasilidade, reproduzindo uma oposição tradição x modernidade, pode ser entendido neste caso como pólos que se entrelaçam e combinam, ao oferecer ao estrangeiro uma versão sofisticada do samba ou do choro e um saci pererê conceitual. Neste sentido, o

---

<sup>19</sup>O entendimento a respeito da tropicalidade ganhou vários sentidos na literatura brasileira e no imaginário nacional, contudo, para uma leitura histórica pela a qual baseio o entendimento desta categoria, ver: Schwarcz, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D.João (1816-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª. Edição, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que estou denominando como “cosmopolitismo tropical” é a apresentação dos símbolos de brasilidade que complementam a paisagem urbana, industrial e metropolitana de São Paulo.

Outro ponto a ser levantado é que embora os *hostels* não pareçam incentivar o turismo sexual diretamente, são um dos maiores operadores do conceito “São Paulo legível para os turistas”, sendo que tal marca remete aos símbolos de brasilidade acionados em outros destinos turísticos brasileiros e que compõem historicamente uma certa visão tropicalista e exótica consolidada sobre o Brasil. Neste caso, a promoção da *sexscape* (no sentido de *mediascape* de Appadurai) acaba incentivando a legibilidade da *sexscape* (no sentido de paisagem sexual de Brennan).

Por último, temos os discursos dos *mongers*, turistas sexuais auto assumidos, que abertamente sexualizam este “cosmopolitismo tropical” e fazem emergir dele a fantasia da mulher que vive em São Paulo. As buscas para aventuras sexuais destes homens são baseadas a partir da noção de que nesta cidade seja possível encontrar um “mix de todo o Brasil”.

Dentro deste contexto, a linha que costura estes discursos são os movimentos destes estrangeiros pelas as várias paisagens da cidade, guiados por aqueles que se candidatam como guias nativos para os desbravadores da Selva de Pedra. A função de guia é até muitas vezes efetuada pelo o Estado, que promove uma tipologia dos turismos possíveis na cidade. Em outros momentos, ela é efetuada pelos os taxistas de São Paulo, que – munidos da Revista *Magazine* – revelam a paisagem de sexo local. Finalmente, ela também é efetuada pelos os donos dos *hostels*, devidamente munidos com seus mapas culturais e performances de brasilidade. Seja qual for sua posição, todos esses guias promovem a noção de que o estrangeiro está se engajando com uma São Paulo *de verdade* e criando legibilidade para uma cidade notoriamente opaca aos olhos estrangeiros.

Seguindo este intuito, pesquisar São Paulo é uma interessante situação para entender o mercado sexual brasileiro e sua organização e para pensar nas narrativas por vezes contraditórias e não lineares que o Brasil tem produzido de si mesmo. Essas narrativas são apresentadas ao mundo que visita a cidade e, assim, proporcionam contribuições para a *mediascape* global referente ao e a conseqüente sexualização dessa – um mosaico que vai muito além das representações constantes de mulatas/negras, bunda e carnaval



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que supostamente são os grandes responsáveis pela a leitura sexualizada que o estrangeiro faz do Brasil.

Por fim, decifrar os códigos de São Paulo torna-se um desafio ainda maior, pois meu olhar não deixa de ser também um pouco estrangeiro que constantemente me pego perdida em muitos sentidos na Selva de Pedra.

## 7- Referências bibliográficas.

APPADURAI, Arjun. 1990. “Disjuncture and Difference in the Global Culture Economy”. Featherstone, Mike. *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. London: SAGE Publications.

BASTOS, Elide Rugai. Pensamento Social e escola sociológica paulista. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-2002)*. São Paulo: Sumaré, 2002.

BLANCHETTE, Thaddeus & SILVA, Ana Paula da: “A mistura clássica”: miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual”. UFRN/Natal: *Revista Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 5, janeiro/junho 2010.

\_\_\_\_\_. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. UNICAMP/Campinas: *Cadernos Pagu*, n. 25, julho/dezembro de 2005.

BLANCHETTE, Thaddeus. *Gringos*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PPGAS/Museu Nacional, 2001.

BERNSTEIN, Elizabeth. *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

BRENNAN, Denise. *What's Love Got to Do With It? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*. Durham, N.C: Duke University Press, 2004.

FARIAS, Patrícia Silveira de. *Pegando uma cor na praia: relações raciais e classificação de cor na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2003.

FRANÇA, Isadora Lins. “Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”. UNICAMP/Campinas: Cadernos Pagu, n. 28, janeiro-junho, 2007.

GLASS, Ruth. *London: aspects of change*. London: MacGibbon & Kee, 1964.

LEAL, Maria de Fátima. & LEAL, Maria Lúcia. Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial – PESTRAF. Brasília: CECRIA, 2002.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: USP/ FAPESP, 2000.

MATTOS, Sérgio. “Centro de São Paulo: revitalização, especulação ou higienização?” Brasília: Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN, 4 de outubro de 2005.

MISSE, Michel. “Tradições do banditismo urbano no Rio: invenção ou acumulação social?”. Semear (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 6, p. 197-232, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Viagem e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. In: Piscitelli, Adriana; Melo, Hildete; Maluf, Sônia; Puga, Vera. (Org.). *Olhares Feministas*. Brasília: ONU/MEC, 2007, v. 1, p. 15-30.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

\_\_\_\_\_. “Entre a Praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina”. In: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sergio. (Org.). Sexualidades e Saberes, convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, v. , 2004.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D.João (1816-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª. Edição, 2008.

TASCHNER, S.P. e BÓGUS, L.M. – *São Paulo como Pathwork: unindo fragmentos de uma cidade segregada*, in BÓGUS, L.M. e Ribeiro, L.C. – *Cadernos MetrÓpole*, n° 1. São Paulo: EDUC, 1999, pp. 43–98.

#### **Páginas acessadas:**

<http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid02.htm>, em 10/12/2010.

<http://www.gpguia.net/>, em 20/03/2011.

<http://www.internationalsexguide.info/>, em 17/02/2011.

<http://www.albergues.com.br/>, em 10/12/2010.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei\\_Cidade\\_Limpa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Cidade_Limpa), em 11/04/2011.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina